



Director literario:

Augusto de Santa Rita
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Com um lenço molhado na límpida água dum riacho que perto corria, Rapina, semi-jelhado, reanimava Milita, retrescando-lhe as fontes a latejarem febrilmente agora. Com a cabeça apoiada na jaleca de briche que Rapina despira e cuidadosamente, colocara à laia de travesseiro, esfregava instintivamente os olhos, como se diligenciasse acordar dum pesadelo horrível.

Rodeada pelos bandidos, já despojada dum colar de pequeninas pérolas e de duas pulseiras que trazia quasi sempre consigo, Milita, finalmente consciente, fixava, agora, apavorada, as duras, sombrias e ferozes expressões dos salteadores, a contrastarem com a de Rapina que, embora com o mesmo aspecto exterior, tinha, contudo, no rosto um vago ar piedoso e uma doce ternura a reflectir-se no olhar.

Os compassivos modos de Rapina, a doçura da sua voz murmurando: — «*sossegue, sossegue; ninguém lhe fará mal*» tranquilisaram-na um pouco. Mas, de quando em quando, mirava de soslaio, assustada, qual ave presa num laço, os restantes bandidos de carrancudo aspecto que, dentro da barraca entreaberta, miravam e remiravam o pequenino colar e as duas pulseiras de Milita.

O níveo luar, que uma densa nuvem havia há pouco encoberto, de novo irradiava a sua luz suavíssima, iluminando de chofre o deslumbrante perfil de Milita, cuja beleza sem par subjugava e vencía o coração mais duro ou o olhar mais gélido, onde a perversão não houvesse ainda totalmente perdido a alma para a conquista do Céu ou redenção do Inferno.

Olhando-a, surpreso, Rapina esboçou, vagamente, um enleado sorriso. E ante aquela expressão tão natural, tão franca, Milita, contiadamente, balbuciou, confusa:

— «*Foi também assaltado?! Caiu, também, como eu, em poder dos bandidos?! Que havemos nós de fazer, para fugir daqui?!*»



(Continua na pagina 4)

OS DOIS PAGENS

DE SOFILENA

Por Fernando A. Simões
Desenhos de Eduardo Malta

CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR

Como já sucedera com os outros, os tigres, atemorizados ainda com o ruído, recuaram.

Em dois saltos, Fausto apanhou-se no meio dêles; puxou da sua espada, e com a fôlha, não com o gume, atirou-lhes vigorosas pancadas.

Os tigres rugiram de fúor... As garras estenderam-se-lhes... Os olhos faiscantes de cólera e o corpo baixado atrás e levantado adiante, indicavam claramente que se preparavam para saltar, a fim de despedaçarem o atrevido.

Fausto relanceou por êles um olhar de amargo triunfo, e voltando-se para a tribuna real, exclamou com voz sonora, que Sofilena ouviu distintamente:

— *Princesa! Aquele dos vossos dois pagens que, por amor de vós, afronta mais indiferentemente a morte, vê-de... sou eu!*

E, dizendo isto, o melancólico pagem partia violentamente nos joelhos, a sua magnífica espada!

Um formidável grito de horror, feito pelos gritos de milhares de pessoas, se elevou nos ares.

Intensamente pálida, Sofilena levantara-se, e procurava conter com a mão as pancadas desordenadas do seu coração.

Alguns dos mais valentes, dentre os espectadores, corriam precipitadamente pela arena, em direcção à jaula; levando nas suas espadas o socôrro de que Fausto carecia.

Muito tarde, porém.

Os tigres, quasi ao mesmo tempo, haviam saltado todos sobre o pagem, que não fez o mais pequeno movimento para se defender.

As garras das cinco feras cravaram-se-lhe nos ombros, nas costas, nas pernas...

... O sangue corria em borbotões, e os tigres ferozes, sanguinários, rugindo de satisfeito furor, mordiam, arranhavam, trituravam, o corpo do taciturno pagem.

E quando o primeiro espectador conseguiu chegar junto da jaula, constatou mudo de horror, que, daquele que fôra o denairroso pagem Fausto, nada mais restava do que uma informe, esfacelada massa, que os tigres, satisfeitos, jubilosos, — mordiam e arranhavam ainda...

Contam velhos documentos encontrados nos arquivos dêste reino que, alguns meses após o trágico acontecimento que acima descrevemos, a princesa Sofilena desposou o louco pagem Fernando.

No entanto, dizem-nos ainda os documentos, várias vezes surpreendem os estranhos os dois conjuges suspirando tristemente.

E que ao antigo pageminho não lhe saia nunca da cabeça o sacrificio a que Fausto se votara para êle ser feliz, e Sofilena, a linda Sofilena, não podia esquecer-se também de que jurara desposar aquele que, por amor dela, mais indeliberadamente arriscasse a vida, jura essa que afinal não cumprira.

Por isso, quantas vezes Fernando, a quem ela ama sinceramente, a surpreende, suspirando de amor por aquele que, em vida, fôra o triste mas cavalheiresco Fausto,



■ A Ilha ■ Dejanira

: Por ANA PINA :

Desenhos de Eduardo Malta



RA uma vez um rei que tinha uma filha a quem adorava sobre todas as coisas. A princezinha chamava-se Darioleta. Viviam num castelo muito alto situado no cume duma escarpada penedra. O mar, como uma imensa toalha de esmeraldas e prata, rodeava aquele agrupamento de rochas, sobre as quais se erguia o castelo, belo e magestoso. Se os meninos recorrerem aos seus conhecimentos geográficos, logo perceberão que se trata duma ilha. Efectivamente, o rei Humberto, vivia desterrado naquela ilha, com sua filha e algumas nobres dedicados. Seu cunhado, o duque Herman, mercê de torpes intrigas e traições, conseguira usurpar-lhe o trono. Tão vil procedimento causara a morte à sensível rainha Dejanira, irmã de Herman, e o infeliz rei, destronado e viúvo, foi obrigado a recolher-se àquela árida ilha, à qual deu o nome de sua esposa, tão amada.

Herman tinha um filho que adorava. Por aquele filho, para que ele fosse um dia rei, destronara o cunhado, causara a morte à irmã e apunhalara a esposa, a loira e formosíssima duquesa Swarga, que não quizera ocupar um trono roubado! Gilberto era o ídolo de todos! Belo como um Apolo, bom como ninguém, audaz e valente até à temeridade, Gilberto merecia bem a adoração que nobres e plebeus lhe tributavam. O príncipe ignorava a ruim conduta de seu pai.

Quando o príncipe Gilberto completou vinte anos, achou-se rei e órfão.

Um dia, em que andava visitando os seus estados, alargou-se pelo mar e, ao pôr do sol, achou-se ante a ilha Deja-

nira. Jámais visitara aquela ilha e ignorava mesmo que ela existisse. A poética beleza daquele castelo empoleirado nas rochas, despertou a curiosidade do juvenil monarca, que mandou ancorar e arriar um escalor, a despeito do que lhe diziam os fidalgos. Sómente acompanhado de seu velho aio, o rei foi. No castelo reinava tal perturbação que ninguém deu por eles.

O velho rei Humberto estava a expirar. Quando Gilberto entrou na alcova do tio, este parecia morto e a belíssima princesa Darioleta jazia desmaiada nos braços de duas damas, que choravam amargamente.

O velho aio, que adorava o seu rei e sempre odiara Herman, cujo segredo guardara pelo louco amor que dedicava a Gilberto, caiu de joelhos perto do leito e, sob solene juramento, narrou toda a verdade ao príncipe, assombrado! O moribundo abriu os olhos ao ouvir o sobrinho exclamar:

— Mas então eu não sou rei!!; Darioleta, infeliz menina, perdão o mal que inconscientemente te causei!

E, caído de joelhos, ergueu para o tio as mãos suplicas:

— Perdão, perdão para meu pai! soluçou, angustiadamente.

O generoso rei perdoou ao cunhado e pediu ao sobrinho que guardasse a coroa que ficava melhor nas mãos dele do que nas de Darioleta, débil donzela. Gilberto aceitou com a condição de que Darioleta seria sua esposa, ao que o rei acedeu com júbilo. Pouco depois a alma do justo subia ao Céu.

O rei Humberto soltara o último suspiro, tendo nas suas as mãos de Gilberto e Darioleta. Um nome lhe saiu dos lábios juntamente com o último alento: Dejanira!

(Continua na página 7)

OS BANDOLEIROS

(Continuação da página 1)

Ante a ingénua pergunta de Milita, Rapina baixou o olhar e não encontrou resposta. Contudo à sua insistência, retorquiu, finalmente o jovem bandoleiro: — «Não, Senhora, perdõe; eu sou também um bândido, um salteador! Nada recele, porém; defende-a a sua beleza e por ela lhe juro que não lhe faremos mal!» e, apontando os próprios companheiros, acrescentou, baixinho: — «Eles são maus, muito maus, mas eu a salvarei; tenha confiança em mim!»

De novo o luar se escondeu para tornar a surgir, fazendo tremer no chão coberto de caruma, a sombra dos pinheiros. De novo o moço piou, de novo uma rola brava esvoaçou, assustada, de copa para copa. Entretanto...

Atias chegava a casa, ao grande portão da quinta do papá de Milita.

Branco como um fantasma, com as mãos e as pernas a tremerem, apiou-se da liteira e, alvoroçado, esgazeado, tonto, puxou a argola da sineta, uma grande sineta dependurada à esquerda.

Jacinta, a velha governanta de D. Mafalda, que, já impaciente, aguardava o regresso de Milita, não se fez esperar. Abrindo o portão de par em par, ficou surpreendida ao dar apenas com Atias que, subindo a escadaria de pedra sob um alpendre florido, sem olhar para ela, gritava como um louco: — «o patrão, o patrão?!... O patrão Jorge onde está?!...»

Assomando entre portas, subitamente, Jorge, ao dar com o velho Atias soluçando como uma criança, interrogou-o, aflito:

— «Que tens, que sucedeu?! Milita...?!»

Mas, embargado pela comoção, o velho cocheiro Atias mal podia falar! Por fim, a muito custo, atabalhoadamente, explicou confuso:

— «Assaltados!... Fomos assaltados... Foi no pinhal da Azambuja... E, aí, a nossa menina entre os bandidos... Patrão, patrão vá buscar uma bolsa... encha-a de moedas de ouro que eu lhe trarei de novo a nossa rica menina!...»

— «Que dizes, homem?!...» gritou Jorge, sacudindo Atias, numa atilativa anciedade, levando as mãos à cabeça. Depois, mesmo em cabelo, tal e qual como estava, correu para a liteira que estacionava ao portão, subiu, e chicoteou os cavalos que, numa brusca corrida, largaram a todo o trote, parando, apenas, três minutos depois, junto à fachada duma casa amarela. Duas pancadas fortes soaram e logo um pequeno trincó se elevou, dando acesso a uma íngreme escada, bastante estreita, cujos degraus rapidamente desapareceram sob os pés do grande capitalista Jorge de Moraes que ao deparar, no patamar da escada, com uma criada idosa, perguntou precipitadamente:

— «O senhor administrador do concelho...?!» — «Está a acabar de jantar mas faça favor de entrar que eu vou já prevent-lo da chegada de Vossa Senhoria...» murmurou a solícita serva, acendendo a luz numa pequena saleta, indicando um sofá: — «faça favor de sentar-se!»

Jorge de Moraes, porém, conservou-se de pé, sufocando, contendo um nervosismo evidente.

Dez minutos depois, saíram a porta do administrador do concelho, este, seu filho Mário de Souza e Jorge que logo subiram para a liteira.

Mário, um estoira-vergas e incorrigível boémio, tinha 23 anos e uma louca paixão, embora mal correspondida, pela única filha do grande capitalista. Embora extremamen-





te ousado, audacioso e valente, Mário era, no entanto, bastante gabarola e mesmo zaragateiro. Pouco escrupuloso em suas companhias, tornava-se freqüente a sua camaradagem com ociosos ou gente de mau porie.

Valia-lhe sempre a sua condição de filho do senhor administrador para a imunidade dos seus atos e a irresponsabilidade das suas loucas proesas, quasi sempre condenáveis e sôb a alçada dos códigos. Por tudo isto, ansioso por vê-lo morigerar-se e pela grande fortuna do pai de Milita, o pai de Mário, sabedor da sua inclinação, várias vezes afagara, com entusiasmo, a idéa de seu filho vir a casar com a futura herdeira do capitalista.

Mário, seu pai e Jorge paravam, agora, ao portão da quinta; para lá do qual o velho Atias contava, ainda, profundamente emocionado, ao jardineiro, criados e moços de lavoura, o grande acontecimento.

Só Jorge se apoiou da liteira e dirigindo-se, de passagem, ao seu pessoal, bradou num desafio:

— Rapazes!... Quem quizer participar esta noite, duma grande batida aos salteadores do pinhal, monte a cavalo e dirija-se já à administração do concelho, a juntar-se a um piquete da guarda nacional. Por cada salteador que conseguirem matar, receberão cem moedas.

E, dizendo isto, Jorge entrou em casa, donde saiu, momentos depois, trazendo um pequeno saco cheio de moedas de ouro.

Ao chegar de novo, ao estribo da liteira, chamou o velho Atias:

— Sobe!

Mais dez minutos decorridos e todos se apiaram à porta da administração, donde, um quarto de hora após, partia, só, na liteira, o velho cocheiro Atias com o respectivo saco de moedas e várias instruções dadas por Jorge e pelo administrador. Quando a liteira desaparecia já ao fundo da estrada, pôs-se em marcha o grande cortejo constituído pelo piquete da guarda nacional, dez praças a cavalo, Mário de

Souza, Jorge e três criados deste, que seguiam o mesmo rumo de Atias em perseguição dos bandidos.

Decorrida hora e meia, Atias entrava no pinhal, afim de resgatar Milita, conforme prometera, certo de que, a meio quilômetro de distância, a sua escolta o seguia para a grande batida, quando, ele já de regresso, com a sua rica menina, viesse a caminho do solar e já lha não pudessem novamente roubar. Mas...

É nas almas vis, é nos máus que existe a maior astúcia. E a astúcia é a inteligência do crime. Mais uma vez falharam os cálculos do administrador e as previsões de Jorge, pois receando a natural destorça, o conseqüente ataque da polícia, os salteadores haviam colocado vigias ocultos nas copas dos pinheiros às embocaduras da estrada que atravessava o pinhal.

«Veneno» e «Pé-de-Cabra» estavam, pois, de sentinela, em seus postos, o primeiro à extremidade norte e o segundo à extremidade sul do caminho. Quando, portanto, Atias mergulhava na sombra do pinhal, mal sonhava, coitado, que já havia sido visto por um dos terríveis bandoleiros.

Passados cinco minutos, já o temível bando dos salteadores notara a presença de Atias e avançara em massa, levando entre eles a cativela Milita.

Quando, porém, se aproximaram da liteira, dispostos a restituírem Milita, a trôco dum saco de ouro, um estridente assobio ressoou e ecoou na solidão da noite. Era o sinal de alarme, combinado. «Veneno» viria deslizar, sôb a copa em que estava oculto, a cavalgada que vinha em perseguição dos seus.

«Barba-Azul» — o chefe — desesperado, embora já tivesse restituído Milita e recebido o preço do resgate, correu para a liteira, já a caminho do solar, tornou a raptar Milita e deu uma coronhada na cabeça de Atias que o estatelou por terra: — «Ah, traidor, que nem mereces que eu gaste uma bala!...»

Entretanto, ao fundo da estrada, surgiu, de chofre, a força armada, dirigida por Jorge e Mário de Souza que, de

(Continua na página 8)

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITAR



Tristezas de Bébê

Por Graciette Branco de Santa-Rita

: Desenho de Eduardo Malta :

Ora esta! Ora esta!
Bébê não pode ir á festa!...

.....
Tanta gente! Tanto povo!
Alegrias de Bébê!
E Bébê com fato novo,
e sapatos e bonet!

Já sua mamã tirara,
da gaveta onde arrumara,
dias antes,
o fato novo á maruja
de botões muito brilhantes!

Bébê não pinga, não suja,
o seu fatinho adorado!
Tem sempre muito cuidado
com seu fatinho á maruja!

E agora
que ia tão lindo,
ai tão lindo,
para a festa,

Cobre-se o Céu, hora a hora,
de núvens densas, escuras,
e do Sol, pelas alturas,
apenas saúde resta!

Bébê tem contado os dias!
Tem contado hora por hora,
e por cada nova Aurora
eram novas Alegrias!

Com olhinhos muito abertos,
tem seguido, vigilante,
os ponteirinhos bem certos
do relóginho da estante.

E sempre, toda a manhã,
quando a mamã
vinha vê-lo,
vinha ergue-lo,
lhe dizia,
enleando-lhe o pescoço,
todo cheio de alvôroço:
— Ai! Já passou mais um dia!...

Mas agora
quási chora...
Cai a chuva na vidraça
e toda a gente que passa
vai a correr, apressada!...

O que valeu ao Bébê,
andar a contar os dias,
sentir tantas Alegrias,
comprar sapatos, bonet?!

Ai! Não valeu para nada!

F I M

A ILHA DE JANIRA

(Conclusão da página 3)

Terminado o luto, Gilberto e Darioleta casaram. As festas que se celebraram nessa ocasião, ficaram com fama em todo o mundo. Foram sempre muito felizes e o velho aio de Gilberto, zela a educação dum príncipezinho adorável.

❖ F I M ❖



HORA DE RECREIO

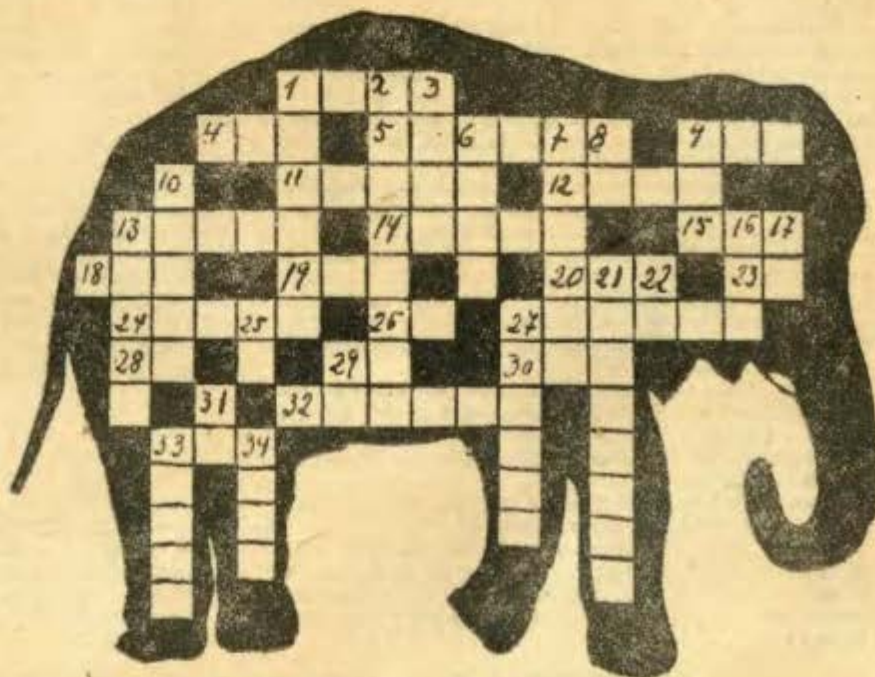
HORIZONTALMENTE

1, Ave; 4, Marca de automóvel; 5, Uma das cinco partes do mundo; 9, Soberano dum estado monarca; 11, Ave; 12, número; 13, pano de 18 felpudo; 14, contrario de mulher; 15, Artigo francês; 18, colarinho em francês; 19, contrario de noite; 20, meia em francês; 23, nota musical; 24, cobertura da cabeça das crianças; 26, proposição; 27, Loisa tumular; 28, carta de jogar; 29, contracção da proposição a e o artigo o; 30, Filieira; 32, Lisboa em Inglês; 33, Ruminante.

VERTICALMENTE

1, com que se limpa o calçado; 2, Parte superior o exterior d'uma casa; 3, metal precioso; 4, habitação das pombas; 5, Interjeição; 6, livro dos acantos; 10, Fibras grossas que correm sobre as folhas das plantas; 16, pronome pessoal; 17, Adjectivo possessivo francês; 21, Bufete onde se põe o necessário para o serviço de mesa; 22, Nota musical; 25, Adjectivo demonstrativo francês; 27, Língua em Francês; 31, Laço que se aperta difficilmente; 33, Construir em francês; 34, Utilizado em francês.

Palavras cruzadas



Antonio Calado



OS BANDOLEIROS

(Continuação da página 5)

pistolas em punho, avançavam velozmente, em desenfreado galope.

Rapina correu para Milita, colocou-a no arção da sela e seguiu o exemplo dos companheiros que disparando tiros, fugiam a bom fugir. De tal maneira que, passados vinte minutos, os perseguidores não tinham já dos bandidos os mais leves sinais. Voltaram atrás, afim de socorrerem Atias que fuma póca de sangue, dava ainda sinais de vida, torcendo-se e gemendo, angustiadamente.

A duas léguas de distância, os bandoleiros, ofegantes, pela fuga desordenada, acampavam de novo, limpando o suor e rogando pragas ao desventurado cocheiro.

«Barba-Azul», subitamente, tomado de cólera, avançou para Milita, erguendo a coronha da espingarda, disposto a agredir-la: — «Por tua causa, maldita, nos esfalfamos agora!» desabafou furioso. Mas, estoicamente, com soberba altivez, Rapina pôs-se de perneio, rugindo ameaçador: — «Se lhe toças, mato-te!»

«Barba-Azul» fica boquiaberto. Aquela atitude de acérrimo defensor de Milita, que Rapina tomara, subitamente, deixou-o atónico, sem bem perceber que espécie de interesse elle podia ter em defender assim uma das vítimas dos seus inúmeros assaltos.

Após um momento de pismo, pôs-se a rir alvarmente, e, por fim, motejou com suprema ironia:

— «Ah, ah!... Descança, morgado! Queres ir pedir-lhe em casamento ao pai? Pois eu já te digo como se ensina um fidalgo!...» e, pondo dois dedos na boca, assobiando forte, gritou para os companheiros, indicando Rapina:

— «Juntai-vos todos, rapazes! Um traidor!... Vamos a ele...»

Mas, antes que concluísse a frase, Rapina, saltou com Milita para a sela do seu cavalo que, esporeado com alma, largou a todo o galope, sumindo-se entre os pinheiros.

«Barba-Azul», furioso, gritou para os seus companheiros, espumando ódio:

— «Amigos, um bom prêmio a quem os apanhar!»

Logo todos, dirigindo-se para as montadas arranchadas sob a copa mais larga dum pinheiro, e saltando, ligeiros, para as respectivas selas, seguiram em perseguição dos dois fugitivos, Rapina e Milita, cujo cavalo era o que mais corria.

Quando este transpôs o pinhal e tomou a direcção do Vale de Santa Iria, sem ser alcançado pelos perseguidores, estes desistiram do seu intento e resolveram voltar, desanimados, para junto de «Barba-Azul» que, impientemente, os aguardava, sequioso de vingança.

Entretanto Rapina já livre dos seus perseguidores, fazia parar o seu fogoso cavalo, a fim de descansar Milita, junto d'uma ribeira no verdejante Vale de Santa Iria.

Um luar maravilhoso, inundava da sua luz alvíssima e puríssima, o vale encantador.

Extasiado na graça imensa de Milita, Rapina não tirava os olhos dela.

(Continua no proximo número)